

O PAPEL DOS MODELISTAS NA HISTÓRIA DA MODA EM FORTALEZA: FORMAÇÃO E MEMÓRIA

*The role of pattern makers in the History of fashion in Fortaleza: Training and
memory*

Martin, Louise Cardoso; Graduada; Universidade Federal do Ceará;
louise_cm@hotmail.com¹

Morais, Patricia Mota; Graduanda; Universidade Federal do Ceará;
patriciamorais.m@gmail.com²

Orientadora: Mendes, Francisca Raimunda Nogueira; Doutora; Universidade
Federal do Ceará; franciscarmendes@gmail.com³

Este artigo apresenta como se dá o processo de aprendizado da profissão de modelista em Fortaleza. Para alcançar tal entendimento, foram feitas pesquisas bibliográficas e entrevistas com pessoas que atuam, de alguma forma, com modelagem em Fortaleza – professores, alunas, costureiras; pessoas que trabalham de maneira autônoma, desenvolvendo peças e costurando para clientes; ou mesmo que trabalham em empresas de confecção. Os dados empíricos vieram da oralidade e revelaram que há uma grande busca pelo aprendizado de modelagem, seja por estudantes de moda ou não.

O trabalho busca documentar o aprendizado de modelagem, o saber-fazer por parte desses modelistas; o posterior ensino das técnicas de modelagem – seja de maneira formal ou informalmente; o ponto de vista desses profissionais com relação à sua profissão e apresenta também como e onde eles atuam. Foram entrevistadas nove pessoas, sendo um modelista e professor de modelagem, uma estudante do Curso de Design de Moda da Faculdade Católica – dona de confecção e com amplo conhecimento em modelagem -, a professora do curso de modelagem industrial do SENAI, três alunas do curso citado, e três modelistas senhoras. Duas delas ministram cursos de modelagem independentes e de relativa expressão e reconhecimento no ramo, em Fortaleza. O papel desempenhado por essas pessoas, dentro e fora das empresas, o aprendizado e o ensino de modelagem, são fatores que, juntos, caracterizam uma parcela da história da moda cearense. E é essa história, a partir da ótica desses protagonistas, que constituem o objeto desse estudo.

A principal fonte dessa pesquisa foram as entrevistas, por não haver nenhum trabalho escrito sobre os modelistas em Fortaleza. Acredita-se que, desta forma, pôde-se ter contato direto com o objeto de estudo, possibilitando documentar aspectos da história desses modelistas fortalezenses. Foram nove entrevistados, sendo um homem e oito mulheres, e sua memória foi a base desta pesquisa. As entrevistas proporcionaram um “mergulho” no assunto,

¹ Bacharel em Design de Moda pela Universidade Federal do Ceará.

² Graduanda em Design de Moda pela Universidade Federal do Ceará.

³ Professora do curso de Design de Moda da Universidade Federal do Ceará.

permitindo às autoras conhecer e compreender aspectos da história dessas pessoas, que não seria possível sem esse contato mais próximo ou apenas com a pesquisa bibliográfica.

Com relação ao aprendizado, pôde-se observar que quase todos tiveram o primeiro contato com a modelagem (ou costura) desde cedo, por influência de alguém, seja pai, mãe, ou outra pessoa mais velha, normalmente membro da família:

“Ela (a mãe) foi me ensinando a fazer bainha, fazer – como ela dizia – serviço de mão, pontinhos, bainha corrida, escama de peixe, aquilo tudinho. Rolutê, pregar botão. Tudo isso quando eu era pequena ela me ensinava, né? E a parte de modelagem, como eu não tinha o dom dela, eu sempre pegava uma coisa e copiava. Eu pegava uma blusa, botava em cima do papel ou do tecido. Virava a blusa pelo avesso e ia modelando, e pronto.”

(Kátia Araújo, estudante de moda e dona de confecção, 22 de março de 2012)

“Desde pequena eu já via (o modelo), e executava. Por isso eu digo que isso é dom. E também hereditariedade, porque meu pai e minha mãe sabiam costurar. Meu pai só não costurava ‘pra fora’, mas ele que fez o paletó do casamento dele. E minha mãe costurava todo tipo de calça de homem, por exemplo.”

(Laura Helena de Souza, costureira e modelista, 26 de março de 2012)

“Eu comecei a modelar com 16 anos”... “Naquela época, fui influenciado pela família. Minha família vem toda de confecção. Minha mãe era bordadeira, minha tia tinha uma confecção que atendia pro Mercado Central. Aí, quando ela trazia os vestidos e tirava os moldes, aí ela me ensinava a fazer a graduação. Naquela época ninguém entendia de graduação padrão como é hoje. Aí, com 17 anos eu desmanchei uma camisa minha e passei pro papel madeira, e aí reproduzi tudo.”

(Antônio Pinto, modelista e professor de modelagem, 06 de junho de 2012)

“Eu costuro desde os sete anos. Quando eu era menina, eu ganhei uma máquina de costura de brinquedo do meu pai. E na minha casa morava uma prima mais velha que cuidava da gente e ela era uma exímia costureira. E quando ela tava costurando, eu sempre ficava prestando atenção. As minhas ‘Suzy’ tinham caixas e caixas de roupa. Foi meu primeiro negócio: eu fazia roupa de boneca e vendia na escola. Eu trocava por merenda, por apontador, por lápis. E eu aprendi a costurar na mão primeiro, depois nessa maquininha de costura, com uns dez anos.”

(Cecilia Chrystine, modelista e professora de modelagem, 05 de junho de 2012)

Como observado nas falas acima, com exceção das três alunas do curso SENAI, todos os outros entrevistados têm sua primeira experiência com modelagem em casa e interligada com a costura, aprendendo as duas quase que paralelamente. Das alunas do curso citado, todas tiveram sua primeira experiência com o aprendizado de modelagem no curso, mas já estavam inseridas no mercado de confecção, conforme revelam as seguintes falas:

“Eu sempre costurei nas empresas e eu queria saber como que eles começam, quem modelava, como é que começava o corte, tamanho, tecido, tudo. Eu queria saber como era, porque eu só pegava a peça cortada, pra mim montar. E eu queria saber cortar também, pra mim montar.”

(Nucilene Barbosa, aluna do SENAI e costureira, 05 de junho de 2012)

“Já trabalhei na parte de corte, montagem, e resolvi ir pra modelagem pra abrir novos horizontes e novas oportunidades pra mim. Depois desse, pretendo fazer mais outros cursos de modelagem, por que o mercado é grande e várias oportunidades vão aparecendo.”

(Rosiane Rodrigues de Brito, aluna do SENAI e costureira, 05 de junho de 2012)

“Eu trabalho há muito tempo com confecção. Comecei com a limpeza de peças, aí fui pro ramo do bordado de pedraria, aí depois eu fui pra revisão. Aí eu entendo um pouco de modelagem, por que quando você revisa, você tem que revisar a peça toda. Da área da confecção, já trabalhei também no almoxarifado e na expedição.”

(Jaqueline da Paz Silva, aluna do SENAI e trabalha no setor de confecção, 05 de junho de 2012)

Acredita-se que a relevância do trabalho está no fato de tratar de um tema nunca antes abordado, chamando a atenção para esses profissionais, que colaboram - paralelamente a outros profissionais da área - com o sistema de moda. Alguns dos entrevistados comentaram sobre o caráter valorizador que a pesquisa assume, ao mostrar o trabalho dos modelistas e dar a eles a oportunidade de contar um pouco de sua história e sua opinião sobre a profissão.

Considerações finais

Foi possível perceber que todos os entrevistados acreditam não ter seu trabalho reconhecido e sentem-se “ofuscados” pela figura do estilista que, na opinião deles, é quem geralmente recebe todos os créditos, como é apresentado na seguinte fala de uma das entrevistadas:

“Não são reconhecidas (as modelistas). Porque assim, a estilista lança uma coleção, lá no desfile sai o seu nome; o da modelista, não. Isso é que as pessoas têm que entender e botar o nome da modelista presente. Por que a modelista é artista. O estilista ganha mais, mas não era nem pra ganhar mais. Era pra ser igual. Então, ela tem que ser valorizada. Era pra ser valorizado igual, nenhum é mais importante que o outro.”

(Iraci Marques, modelista e professora de modelagem, 04 de junho de 2012)

Alguns não compreenderam muito bem o porquê do interesse no trabalho deles, sendo as pesquisadoras futuras designers de moda⁴ - como se, para o designer, o trabalho dos modelistas não tivesse muita relevância. Apesar disso, todos demonstram gostar e orgulhar-se muito do que fazem, desejando apenas maior reconhecimento e incentivo das instituições quanto à profissionalização dos modelistas. Também se percebeu que os profissionais de modelagem apresentaram, junto aos seus processos formativos, uma prática exaustiva da atividade, que lhes possibilitou segurança e gosto por modelar.

Essas Histórias, agora documentadas, poderão ser conhecidas por mais pessoas – estudantes de moda ou não - e poderão, possivelmente, até despertar interesses por essas técnicas, para que elas continuem sendo repassadas e aprimoradas ao longo do tempo.

Bibliografia

ANAWALT, Patricia Rieff. **A História mundial da roupa**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011;

BENTO, Camila Fernandes. // **Dinâmica da moda**: um estudo sobre a cadeia produtiva da moda / Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2008;

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2006;

BRAGA, João. PRADO, Luís André do. **História da moda no Brasil**: das influências as autorreferências. São Paulo: Pyxis Editorial, 2011;

CABRAL, Kenia Moreira. // **A linguagem da moda**: uma história de revoluções – da alta costura ao prêt-à-porter (1858 – 1960) / Palhoça, Universidade do Sul de Santa Catarina, 2006;

CHATAGNIER, Gilda. **História da moda no Brasil**. São Paulo: Estação da Letras e Cores, 2010;

FEGHALI, Marta Kasznar. DWYER, Daniela. **As engrenagens da moda**. Rio de Janeiro: Editora Senac, 2001;

LAYER, James. **A roupa e a moda**: uma história concisa. São Paulo: Companhia das Letras, 1989;

LEVENTON, Melissa. (org.) **História ilustrada do vestuário**. São Paulo: Publifolha, 2009;

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. Tradução por Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989;

⁴ Atualmente, o termo 'estilista' está em desuso, sendo substituído pelo termo 'designer de moda'.

MENDES, Francisca R. N. **Modelando a vida no córrego de areia:** tradição, saberes e itinerários das louceiras. Fortaleza: Editora Expressão Gráfica, 2011;

MITTERAUER, Michael. In FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína. (organizadoras) **Usos & abusos da história oral.** Rio de Janeiro: Ed. FGV, 4ª edição, 2001;

MOUTINHO, Maria Rita. VALENÇA, Máslova Teixeira. **A moda no século XX.** Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2000;

NADDAF, Ana. Moda cearense: uma colcha de retalhos. In CASTILHO, Katia. GARCIA, Carol (org.). **Moda Brasil:** fragmentos de um vestir tropical. São Paulo: Anhembi- Morumbi, 2001. p. 17-36;

ROSA, Maria Virgínia. ARNOLDI, Marlene Aparecida. **A entrevista na pesquisa qualitativa:** mecanismos para validação dos resultados. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2008;

SANT'ANNA-MULLER, Mara Rubia. // **Prêt-à-Porter, discussões em torno de seu surgimento e relação com a Alta-Costura francesa /** Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, 2011

SILVA, Enilda Maria F. da. // **A influência da moda francesa na indumentária em Fortaleza no início do século XX /** Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 2007 // p. 31-39;